

## Schiller: a relação entre arte e Estado nas cartas de educação estética<sup>1</sup>

Sabrina Paradizzo Senna<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse artigo trata das relações entre Estado e Arte trabalhadas por Friedrich Von Schiller, com base na sua obra *A Educação Estética do Homem*. Insatisfeito com as consequências da Revolução Francesa, Schiller pensa numa necessidade de reformulação do Estado moderno, porém, ele acredita que para reformar o Estado é preciso que antes o homem passe por uma renovação, e esta renovação se dá por meio da reformulação artística. Schiller deseja para a modernidade a reconciliação entre natureza e razão que havia nos gregos. Para ele, a Grécia era formada de partes diferentes, onde um conseguia representar o todo, e a modernidade se dá de forma fragmentada, onde cada um deseja se fechar em uma só coisa e em sua própria visão, e é isso que o Estado deseja, que o homem não tenha suas próprias ideias. A arte teria como função preparar o espírito dos cidadãos para a mudança, pois uma revolução sem base estética é destrutiva e não tem estabilidade.

163

**Palavras-chave:** Schiller. Arte. Estado. Educação Estética.

---

<sup>1</sup> Pesquisa fomentada pela CAPES através do Grupo de Estudos de Estética Hegeliana na Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup> Mestranda em Filosofia, na área de Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal do Espírito Santo (2015-). Graduada em Filosofia - Licenciatura pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010-2014) e Graduada em Filosofia - Bacharelado pela Universidade Federal do Espírito Santo (2014-2016).

**Abstract:** This article deals with relations between State and Art worked by Friedrich Von Schiller, based on his work *The Aesthetic Education of Man*. Dissatisfied with the consequences of the French Revolution, Schiller thinks of a need for reformulation of the modern State, however, he believes that to reform the State it is necessary that before the man pass through a renovation, and this renewal takes place through the artistic makeover. Schiller desire for modernity reconciliation between nature and reason which had us Greeks, for him, Greece was formed from different parts, where one could represent the whole, and modernity is in fragmentary form, where each want to close in one thing and in their own vision, and that's what the State wants, that man does not have his own ideas. The art would function to prepare the spirit of citizens for change, a revolution without aesthetic base is destructive and has no stability.

164

---

**Keywords:** Schiller. Art. State. Aesthetic Education.

## Introdução

Este artigo pretende tratar da relação existente entre Arte e Estado no pensamento de Schiller (1759 —1805), com base na obra *Educação Estética do Homem*, e mais especificamente nas oito primeiras cartas, sendo ainda, foco principal as cartas VI e VII. Esta obra é composta por cartas escritas por Schiller destinadas ao príncipe de Augustenburg.<sup>3</sup>

Schiller se assemelha a Kant na desconstrução de sua filosofia estética, mas quando tratamos da construção, são diferentes. Ambos compreendem a necessidade de se reformar a filosofia estética.

A revolução no mundo filosófico abalou o fundamento sobre o qual a estética estava assentada, e seu sistema anterior, se é que se pode dar-lhe esse nome, foi deixado em ruínas. São com essas palavras que, numa carta ao príncipe de Augustenburg, Schiller descreve o estado de coisas em que se encontra a estética desde que seus alicerces foram estremecidos pela crítica kantiana. (SCHILLER, 2014, p.9)

Porém, enquanto Kant prioriza e exalta a moral e a razão em todos os campos da vida, Schiller irá perceber a necessidade de harmonização e equilíbrio entre a razão e a sensibilidade.

Para Schiller, a beleza terá o caráter de formadora e libertadora. Podemos assemelhar o imperativo da beleza de Schiller ao imperativo categórico<sup>4</sup> de Kant, onde o belo será visto como tarefa, como objetivo a ser alcançado. Terá o belo como perfeição e por isso um imperativo, por ser uma finalidade a ser alcançada. Como em Kant, mesmo que não houvesse nada moral, o dever ainda estaria valendo. Em Schiller assemelhamos, mesmo que não houvesse nada belo, ainda haveria o estético. Enquanto há uma busca kantiana pela máxima moral, Schiller visa à máxima estética. Schiller irá, então, buscar ao longo de sua obra, a harmonia entre prazer e forma, prazer este que Kant rejeitou.

Schiller acredita que a moral kantiana se tornou demoníaca, pois lhe falta humanidade, é rigorosa demais. Acredita que não devemos castrar o sentimento em nós, mas sim administrá-lo. O homem, para Schiller, só é homem quando

<sup>3</sup> “As cartas a Augusterburg são uma espécie de agradecimento, da parte de Schiller, a uma pensão anual de mil táleres que lhe fora concedida pelo príncipe Friedrich Christian Von Schleswig-Holstein-Sonderburg-Augustenburg, de 1791 a 1793.” *Educação estética do homem*, pág.9.

<sup>4</sup> Imperativo Categórico: “Age somente, segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo que se torne lei universal” *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Immanuel Kant.

joga, momento em que auxilia razão e sensibilidade. Este jogo se dá de maneira espontânea, logo a harmonia no homem que joga se dará de maneira espontânea.

É mediante a cultura ou educação estética, quando se encontra no “estado de jogo” contemplando o belo, que o homem poderá desenvolver-se plenamente, tanto em suas capacidades intelectuais quanto sensíveis [...] “Pois, para dizer tudo de vez, o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e somente é homem pleno quando joga”. No “impulso lúdico”, razão e sensibilidade atuam juntas e não se pode mais falar da tirania de uma sobre a outra. Através do belo, o homem é como que recriado em todas as suas potencialidades e recupera sua liberdade. (SCHILLER, 2014, p.14)

Schiller acredita que através do belo o homem recupera sua liberdade. O jogo entre prazer e dever é visto como regra artística. Devemos então, sentir a sensação de liberdade e racionalidade dentro do sensível, dentro do objeto belo. A arte realiza a sensibilidade e permite a realização da liberdade. É preciso, então, deixar libertar a racionalidade dentro da sensibilidade, libertar a tinta pelo quadro, as palavras pelo poema. Deixar o racional se exprimir, se libertar, se expressar no sensível, na sensibilidade. Schiller vai então aplicar a estética a missão do Douo de Fichte<sup>5</sup>, que é pensar a libertação das pessoas pela estética, ter a arte com caráter libertador e formador. Arte capaz de tornar os indivíduos livres.

### **Arte e Estado se relacionam**

Quando se deseja conhecer algo, a ciência diseca em partes e analisa cada uma delas para buscar posteriormente a unidade. Na arte não pode haver esse dissecamento das partes, essa separação, é preciso olhar a magia do conjunto para compreender o objeto belo. Devemos sentir o belo numa obra de arte, pois a arte é diferente de fazer uma análise. Quando analisamos fazemos a desconstrução do todo e então perdemos o imediatismo. Porém, quando se passa do imediato e se analisa mais profundamente, podemos também conhecer o objeto através do intelecto. Se perde a essência, mas se apreende pelo entendimento.

A arte, para Schiller, está em contato com a felicidade moral. Quer juntar princípios e sentimentos. Vai encarar como dever aquilo que eu queria fazer, como

<sup>5</sup> A missão do douo de Fichte, é trazer as tarefas principais da doutrina, promover o progresso através da ciência. Schiller vai então se utilizar dessa promoção do progresso, das tarefas principais, porém usando como fonte a Estética.

prazer; contrariamente a Kant, onde o dever<sup>6</sup> é a lei moral dentro de si, usando unicamente a razão.

Porém, antes de tratar da arte em si, Schiller nos questiona se não seria mais importante falarmos sobre a política, sobre a liberdade. Começa a questionar então quem viria primeiro, a liberdade ou a arte. Enquanto Fichte afirmava ser a arte filha da liberdade, ou seja, a liberdade preceder a arte, Schiller opta por ficar no círculo, afirmando que quando formos livres seremos capazes de entender a arte, e por meio da arte nos tornamos livres.

Faz uma crítica a sua época, pois acredita que todos estão muito voltados ao comércio, se dá muito valor à ciência e a técnica e se deixa de lado a arte. Acredita que a arte se tornou renegada, porém, se ela sobressair ela também será feita de mercadoria, ela vai acabar se tornando mercadoria, pois a utilidade de uma coisa sempre prevalece.

Hoje, porém, a privação impera e curva em seu jugo tirânico a humanidade decaída. A utilidade é o grande ídolo do tempo; quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos. Nesta balança grosseira, o mérito espiritual da arte nada pesa, e ela, roubada de todo estímulo, desaparece no ruidoso mercado do século. (SCHILLER, 2014, p.23)

167

É preciso então que se refaça a sociedade, de modo que todos participem, já que as questões políticas dizem respeito a todos. A sociedade precisa ser refeita, através da arte, para que se chegue à verdadeira liberdade. Logo, concluímos junto com Schiller, que pela beleza se vai à liberdade, ou seja, a beleza precede a liberdade. Chega, então, uma hora em que a razão tem que repensar o Estado, que algo natural seja substituído pelo ético/político. Ganha o nome de Estado Político ou Estado Ético, o Estado Natural que foi reconstituído racionalmente. Para Kant, existe uma disposição do homem para animalidade, humanidade e personalidade (moral)<sup>7</sup>, a razão obriga a sair do estado inicial, de natureza de animalidade, e eleva

<sup>6</sup> Minha máxima deve obedecer ao imperativo da razão, ao dever. É puramente razão e não tem nada relacionado ao prazer. “Dever! Nome grande e sublime, que nada em ti inclui de deleitável, trazendo em si a adulação, mas exige a submissão; no entanto, nada ameaças que excite no ânimo uma aversão natural e cause temor, mas, para mover a vontade, propões simplesmente uma lei que por si mesma encontra acesso na alma e obtém para si, ainda que contra a vontade, veneração (embora nem sempre obediência) lei perante a qual emudecem todas as inclinações, se bem que secretamente contra ela atuem” Crítica da Razão Prática, Immanuel Kant.

<sup>7</sup> As disposições que foram citadas, animalidade, humanidade, personalidade, podem ser encontradas de modo mais explicado na obra *A Religião nos limites da simples razão* de Kant, na primeira parte *Da morada do princípio mau ao lado do bom ou sobre o mal radical na natureza humana*, na primeira secção *Da disposição originária para o bem na natureza humana*.

o homem renegando seu estado natural, de sensibilidade. Porém, para Schiller, a razão deve elevar o homem sem arrancá-lo de sua base inicial, ou seja, elevar o homem da animalidade sem negá-la como base, compreender que não é possível ser só razão, mas também tem sensibilidade. Schiller então faz um comparativo entre o Estado Natural e o Estado ético: o Estado Natural é o estado do homem físico que lida com as forças; o Estado Ético é o estado do homem moral, homem ético que lida com leis. Podemos afirmar então que a natureza é como uma escada para se chegar à liberdade, da sensibilidade passamos a razão, para harmonia entre sensibilidade e razão, chegamos à liberdade. Apresenta-nos então a diferença dos homens presentes em cada estado citado respectivamente. Temos aqui o confronto entre homem físico real x homem problemático ético; “o homem moral, para o qual a mera conformidade à lei deve servir como lei, é suficiente para o homem físico, que estabelece leis para si apenas para lidar com forças”<sup>8</sup>, Schiller denomina o homem físico como o homem real e o ético como o homem problemático.

Schiller acredita que a ideia de dignidade adquirida no Estado político ético não pode negar a natureza, ou seja, a moral não pode negar os prazeres da vida, como comer, beber, fazer sexo, ouvir música. Quem quiser renegar toda natureza não irá conseguir, pois não dá pra viver só de razão. Assim como não é possível só viver do prazer, da natureza, da sensibilidade, é necessário a razão, a moral. Encontramos aqui um terceiro caráter para além do Estado natural e do Estado ético, que seria a Estética, como meio termo entre a Razão e a Natureza. Seria a Estética uma espécie de suporte, como ligação nas pessoas para que sejam capazes de suportar a dissolução do Estado Natural e construção do Estado Ético, da liberdade. Seria então a ponte entre estado natural e liberdade, denominada como Arte. Poderíamos comparar a arte como a reforma de uma casa que está sendo feita na parte de dentro. Precisamos usar um suporte para quando desmanchamos uma parede, pois precisamos que a casa fique de pé, e temos de esperar a construção da nova parede; a arte é então esse suporte que segura a sociedade enquanto o estado de natureza se desmancha e o estado ético se constrói, sem que a sociedade seja destruída. Temos em vista aqui, uma crítica social realizada por Schiller, onde ele acredita estar, dessa forma, preparando o Espírito das pessoas para a mudança. Esta preparação seria proporcionada pela arte. Deseja a união entre liberdade e matéria.

---

8 *A educação estética do homem*, página 26, carta III.

Para Schiller, uma revolução sem base estética é destrutiva e não tem estabilidade. Instaurar o Estado Ético não significa que devemos reprimir os impulsos do homem para elevá-lo ao caráter ético, mas manter os impulsos sendo capaz de controlá-lo. Temos aqui, uma convergência entre inclinação e dever, uma vontade que abarca razão e sentimento, onde deixamos o impulso fluir os controlando pela razão.

Schiller vai nos falar sobre três tipos de artistas existentes: o artista mecânico, que tem como função construir a ponte; o artista do belo, que tem poder de pegar a pedra e minar em partes para formar a escultura, que seria fazer com que o mármore revele o que já existe em si, este tipo de artista liberta a matéria; e por fim, o artista político, o homem material e a tarefa unidos em um só. Enquanto o artista mecânico e o artista do belo representam as partes servindo ao todo, o artista político sempre vê a individualidade como algo que deve ser considerada. Com isso, Schiller quer demonstrar que o Estado deve respeitar a individualidade; o todo (Estado) serve as partes (Sociedade – Indivíduos). Percebemos que Schiller acredita numa preparação do externo e do interno também, pois não é só preparar o Estado para uma mudança, mas também preparar o homem dentro de si através da Estética para que seja possível uma mudança externa e completa. O Estado deve fazer convergir a humanidade subjetiva e objetiva, deve permitir que pessoas diferentes estejam na unidade da liberdade.

Schiller nos mostra três tipos de homens: o homem selvagem, que faz os sentimentos predominarem sobre os princípios; o homem bárbaro que faz com que os princípios destruam os sentimentos (crítica aqui feita á Kant); e o homem cultivado que une o sentimento (natureza) e a liberdade (equilíbrio). Nas palavras de Schiller: “é preciso, portanto, encontrar *totalidade* de caráter no povo, caso este deva ser capaz e digno de trocar o Estado da privação pelo Estado da liberdade”.<sup>9</sup> Precisamos lembrar que quando quebramos as estruturas antigas, onde as pessoas estavam adaptadas, os indivíduos entram em choque e querem se manifestar de forma violenta, no entanto, é necessário saber que o Estado precisa mudar, é essa mudança não deve ser feita por meio da violência, pois faz aflorar mais ainda a violência nos cidadãos, mas através do cumprimento das leis. Desmanchar as instituições antigas causa desordem, pois, por mais que os homens não gostem da

---

<sup>9</sup> *A educação estética do homem*, página 31, carta IV.

instituição vigente, ela é vista como símbolo, e de certo modo como método de coerção, que lembram os indivíduos que devem cumprir as leis, e quais são essas leis.

### Grécia x modernidade

O caminho da cultura, para Schiller, é abandonar a natureza através da satisfação e retornar a ela. Sair da natureza e voltar para ela racionalizada. Precisamos entrar em confronto com a Grécia para entender o nosso próprio tempo. Para Schiller, a poesia (Grécia) é arte e a especulação (Modernidade) é teoria e ele deseja a reconciliação que havia na Grécia, entre razão e natureza<sup>10</sup>. Na Grécia, cada deus representava um aspecto da humanidade, era o individual representando o universal; enquanto na modernidade temos uma fragmentação, onde cada um faz uma coisa só. Nos gregos havia partes diferentes e nos modernos há partes fragmentadas. Podemos definir assim nas palavras de Habermas que “a própria arte é o *médium* pelo qual o gênero humano se forma para a verdadeira liberdade política” (HABERMAS, 2002, p.66).

A natureza grega é assumida e não reprimida, na modernidade nos tornamos vítimas devido à repressão da razão sobre a natureza. Podemos ressaltar de acordo com Schiller, duas diferenças fundamentais entre gregos e modernos, são elas: a) os gregos unem juventude da fantasia à virilidade da razão em magnífica humanidade. Juventude como fantasia e virilidade como razão; b) os gregos são constituídos em partes diferentes, os modernos constituídos de fragmentação, são isolados e por isso desenvolvem apenas uma parte, fazendo com que as outras fiquem atrofiadas, como por exemplo, a educação tecnológica, que educa para fazer uma só coisa, além de não educar humanamente. Se compararmos Grécia e Modernidade, poderemos tirar duas conclusões: no conjunto a modernidade é superior a Grécia, pois tem mais produção, mais tecnologia; mas se compararmos homem a homem, os modernos são inferiores, porque no grego, a natureza unia, e no moderno o entendimento separa<sup>11</sup>. Essa diferença provém da cultura, a cultura moderna é a responsável pela separação existente. Schiller sabe que era necessário separar para que a “evolução” acontecesse, mas agora ele deseja reunificar. Era

<sup>10</sup> Sentidos e Espírito – Natureza e Razão.

<sup>11</sup> Aqui, Schiller faz uma crítica a analítica de Kant: “Ora, o predomínio da faculdade analítica rouba necessariamente a força e o fogo à fantasia” pág.39, carta VI.



necessário separar, ter as especializações, a complexidade do Estado pedia uma complexidade política, pois a idade moderna não podia permanecer com a simplicidade grega.

O egoísmo fundou o seu sistema em pleno seio da sociabilidade mais refinada, e experimentamos todas as infecções e todos os tormentos da sociedade, sem que daí surja um coração sociável. Submetemos nosso livre juízo à sua opinião despótica, nosso sentimento aos seus usos bizarros, nossa vontade às suas seduções; contra seus direitos sagrados afirmamos apenas o nosso arbítrio. A orgulhosa autossuficiência confrange o coração do homem do mundo, enquanto o do grosseiro homem natural ainda sabe pulsar com simpatia. (SCHILLER, 2014, p.34)

Na visão de Schiller houve uma degradação política moderna em relação à Grécia. A vida de totalidade (Grécia) se degradou em vida mecânica (Moderna), agora cada um fica com seu dever, individual. Houve um divórcio entre Estado e Igreja, as leis são artificiais, não são mais ligadas aos costumes. Na modernidade o trabalho não dá mais prazer e a Igreja não é mais a alma do Estado. Temos agora uma formação fragmentária, as pessoas têm que decorar o que lhe é ensinado, não tem mais criatividade, tornou-se mera reprodução e não tem espontaneidade mais. Agora o conhecimento vem acima do caráter, cada um só quer fazer uma coisa. É este o desejo do Estado, não gosta que os seus servidores vão além do que ele pede. O próprio Estado valoriza a fragmentação e desvalorizava que cada um possuísse seus próprios ideais. A humanidade se reduz ao entendimento, a fragmentação do todo abstrato. Quem precisa do poder público o odeia e quem não precisa acata a ele. Temos aqui um Estado de natureza moral, da fragmentação, os cidadãos não se reconhecem nas leis, e torna-se então um Estado artificial.

Não desconheço as vantagens que a estirpe de nossos dias, vista como uma unidade na balança da razão, pode afirmar em face das melhores dos tempos que nos precederam; mas é forçoso que ela empreenda a luta com fileiras cerradas, para que se meça o todo com o todo. Que indivíduo moderno apresentar-se-ia para lutar, homem a homem, contra um ateniense pelo prêmio da humanidade? De onde vem esta relação desvantajosa dos indivíduos, a despeito da superioridade do conjunto? Por que o indivíduo grego era capaz de representar seu tempo, e por que não pode ousá-lo o indivíduo moderno? Porque aquele recebia suas forças da natureza, que tudo une, enquanto este as recebe do entendimento, que tudo separa. (SCHILLER, 2014, p.36)

Schiller faz uma análise e diferencia dois tipos de espírito pertencente aos homens: Espírito Especulativo<sup>12</sup> x Espírito de Negócio. O Espírito Especulativo é o intelectual, são as ideias; enquanto o homem que tem o Espírito de Negócio, não tem nada a ver com as ideias, é empobrecido, perde a sensibilidade da mente, da criação. Este não tem imaginação, nem vivacidade quando há o predomínio da faculdade analítica. Schiller ainda diferencia o Pensador Abstrato do Homem de Negócios: o Pensador Abstrato tem o coração frio, sem calor, sem vivacidade, só tem noção se for do todo, não é fragmentado; o Homem de Negócios tem o coração estreito, sem extensão, enclausurado em si.

Schiller vê a fragmentação como caminho do progresso da espécie, desde que seja reconciliada novamente. Acredita que a Grécia chegou ao seu nível máximo, por isso houve a necessidade de seu naufrágio. A Grécia chegou ao conhecimento elevado e tinha que se fragmentar, o seu avanço exigiu o abandono da totalidade, só se desenvolvia se separasse, agora Schiller quer restabelecer a totalidade através da razão. Com este pensamento de necessidade de cisão e tentativa e desejo de reconciliação, podemos dizer que Schiller foi o precursor de Hegel<sup>13</sup>.

Para Schiller, cada um fazendo suas coisas individualmente é um erro. É em conjunto que se dá certo; temos aqui um antagonismo entre o indivíduo que é o erro, e o todo que é a verdade. Quem faz muito uma coisa, vai tão além que ultrapassa as forças da natureza, da satisfação, vai além da natureza inicial. Desenvolve além naquela única coisa que faz, privilegia-se uma parte as outras ficam estéreis. Por exemplo, o médico precisa se especializar em algo, mas precisa

<sup>12</sup> Podemos diferenciar ainda entendimento intuitivo de entendimento especulativo, que representa a briga entre sensibilidade e razão. Fantasia que se opõe ao entendimento, tornando o intelecto seco.

<sup>13</sup> “Os gregos haviam alcançado tal grau, e caso quisessem prosseguir no sentido de uma formação mais alta, deveriam, como nós, abrir mão da totalidade de seu ser e buscar a verdade por rotas separadas” pág.39, carta VI. Podemos ver essa lógica, um tanto modificada, usada posteriormente por Hegel, a cidade grega se dissolve para o direito romano. A cidade grega tinha uma forte identidade, mas não era universal, possuía deuses fragmentados que brigavam entre si, a cidade grega, então, se destrói para atingir a consciência universal. Para Hegel, o direito romano surgiu como resultado direto da dissolução da eticidade grega. A necessidade de uma universalidade surge então na forma do jurídico, que agora esse eu da consciência-de-si deve ser reconhecido como pessoa, cidadão, apesar de parecer uma igualdade, Hegel vai criticar por ser algo meramente externo. Enquanto Hegel criticava a falta de abstração na cidade grega, vai aqui criticar o exagero de abstração da cidade romana, pois aqui o sujeito só é reconhecido perante a justiça, afirma que o homem age conforme a norma mas guarda para si seus verdadeiros interesses. *Fenomenologia do Espírito*, capítulo VI *O espírito*, secção A *O espírito verdadeiro. A eticidade*.

também ser clínico geral, assim como não adianta desenvolver um músculo só, mas é preciso desenvolver o conjunto. Nossa geração fragmentada serve para que a geração futura cuide de sua saúde moral, agora não podemos reconstruir a totalidade, mas também não precisamos ficar na fragmentação. Logo, o estado artificial é necessário para sairmos do estado de natureza. Como? Pelo estado artificial, onde os homens são fragmentados e não se reconhecem mais em suas leis, temos uma possibilidade para fazer uma reforma.

Schiller conclui que nós temos que reformar o Estado, e não o Estado nos reformar. Precisamos superar a fragmentação que está presente na teoria filosófica, no trabalho, na política. Schiller deseja a reconciliação do mundo moderno. Porém, não adianta querer reformular o Estado se os homens não tiverem uma reformulação artística capaz de criar instituições políticas racionais<sup>14</sup>. Devemos, então, primeiro renovar o homem, para posteriormente renovar o Estado. “Seria o caso de esperarmos tal obra do Estado? Impossível, pois o Estado em sua forma presente originou o mal, e o Estado, a que se propõe a razão na Idea, não poderia fundar esta humanidade melhor, pois nela teria de ser fundado” (SCHILLER, 2014, p.43).

É importante ressaltarmos, para não haver confusão, a diferença entre liberdade e libertinagem, onde os homens fazem o que querem sem leis, não se consegue ministrar a liberdade. É preciso colocar ordem no caos, de modo que essa colocação não seja muito repressora, pois as pessoas já são reprimidas (pela razão sobre a natureza), se você não deixar ela se exprimir você acaba com a espontaneidade, e para Schiller, na modernidade não há mais a presença da espontaneidade.

Na liberdade, Schiller identifica duas reações: a Cômada Servidão, obediência servil e a Rebeldia, cada um fazer o seu, individual. A Cômada Servidão seria a insatisfação do homem com a ordem vigente, mas não se levanta para fazer nada que possa mudar a situação; enquanto a Rebeldia seria a revolta pelos direitos que não estão sendo respeitados. Schiller identifica também uma cômada falta à educação do coração, a educação da sensibilidade. Precisamos então mudar o interior do indivíduo, através da educação do coração – educação estética -, permitindo ao homem deixar a espontaneidade e a sensibilidade aflorar,

---

<sup>14</sup> Ela se torna racional, pois é construída a partir de homens de verdade, que jogam, e possuem em si a harmonia entre sensibilidade e razão.

e posteriormente reformular o Estado, não voltando às estruturas gregas, mas superando o problema da cisão moderna<sup>15</sup>.

“A formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento”. (SCHILLER, 2014, p.46)

O que impede a aceitação da verdade e a transformação? A inércia e a covardia do homem. Logo, o homem precisar ter ânimo forte contra a inércia e a covardia. Schiller, precedendo Marx<sup>16</sup>, enxerga o problema do trabalho condicionado e fragmentado, quem trabalha muito não tem tempo para pensar. A falta de entendimento do homem não se dá então pela dificuldade de compreender o exposto, mas por causa da covardia, da preguiça, da mania de deixar os outros resolverem as questões pendentes, os problemas. O trabalhador merece compaixão, os que não trabalham e se curvam perante o Estado merecem desprezo, aos que não trabalham e se acomodam.

A verdade, no entanto, dói. Só aceita o preço da sabedoria quem já é sábio, o filósofo. A sabedoria prévia que permite aceitar a verdade, vem do coração, da educação da sensibilidade, da arte. A sensibilidade é vista então como necessidade, para até mesmo despertar a melhora do conhecimento. Não basta assim, simplesmente o intelecto, mas é preciso desenvolver a sensibilidade, o coração, que é permitido pela arte, pelo processo de educação estética. “Mesmo antes de a verdade lançar luz vitoriosa nas profundezas dos corações, a força poética já apreende seus raios, e os cumes da humanidade brilharão, enquanto a noite úmida ainda pairar sobre os vales”. (SCHILLER, 2014, p.48)

Mas por que a arte para tal nobre função? Pois a arte é vista por Schiller como fonte pura isenta da corrupção política, a arte e a Filosofia não podem

<sup>15</sup> Aufhebung: superar, elevar, conservando. Passar do Estado Grego ao Moderno se elevando, porém, conservando determinados aspectos.

<sup>16</sup> Marx vai explicitar para nós ao longo de suas obras que o trabalho é algo edificante e atividade fundamental do homem, no entanto, com o capitalismo, esse trabalho adquire outra definição, de algo maçante, que deixa o homem sem tempo para si, o trabalho se transforma em mercadoria, e com o comunismo, o trabalho voltaria a ter seu significado original. Procurar mais sobre na obra *Manifesto do partido comunista*. “Os homens encontram a liberdade no processo de trabalho porque o controlam. Em cada fábrica os próprios operários resolvem as questões que surgem [...] A velha disciplina do trabalho (ameaças, multas) torna-se desnecessária, pois todos estão trabalhando para si mesmos [...] Quando todos tiverem muito tempo livre, quando o lazer constituir grande parte do dia, quando as pessoas viverem para a ciência e as artes, então o ser humano se transformará numa criatura diferente e o trabalho assumirá um novo significado” GANDY, 1980, p.100 e 101.

ser dominadas pelo arbítrio humano, elas podem ser dominadas no sentido de controle do que deve ser ensinado, mas não pode interferir dentro delas. Ou seja, pode-se pensar que conseguem dominá-las, mas não há como mudar a estrutura delas.

O artista nasce na sua época, mas é educado fora dela, e quando se forma tem a missão de voltar ao seu tempo. O tempo do artista às vezes é decadente, mas o artista salva sua época, ele consegue elevar, pois tem contato com algo mais elevado que o permite ser crítico. “Vive com teu século, mas não sejas sua criatura [...] Sem partilhar de sua culpa, partilha de seu castigo com nobre resignação, e aceita com liberdade o jugo de que são incapazes de suportar tanto o peso quanto a falta” (SCHILLER, 2014, p.49). O artista consegue extrair o mais nobre que existe de sua época. A arte tem força salvífica (que salva) e crítica, anterior a luz da verdade racional, por exemplo, adorar o imperador, se curvar a ele, foi uma decadência, porém, as esculturas permaneceram eretas, dignas, apesar de sua política e da racionalidade da época, considerada por Schiller como decadente. Os artistas, a arte, conseguem permanecer dignos, com orgulho. A Arquitetura digna não compactua com a safadeza da política. A arte é tida como a verdade do coração, não do intelecto, a arte prepara o intelecto para receber a verdade.

O artista e o filósofo tem que aceitar seu tempo, não deve se conformar com ele se submetendo, mas elevando. Importa mais, para Schiller, o caminho, a direção que propriamente o resultado. É importante dar a direção do bem e deixar o tempo realizar. A mudança deve surgir de forma gradual, a partir de uma mudança interna de pensamentos e sentidos. Pela arte você consegue a seriedade das pessoas, o gosto artístico capta as pessoas, enquanto os rígidos princípios as afastam, o gosto as cativa. A nobreza artística acabará por formar o caráter de uma época.

Através de uma reformulação interna de pensamentos e sentidos, possibilitados pela arte, pela educação artística, educação estética, captaremos as pessoas, permitiremos o desenvolvimento do conhecimento, do intelecto, para enfim, permitir uma reformulação do Estado, de modo que vise o bem, a verdade e a união harmônica entre razão e sensibilidade, tão desprezada por Kant e acatada por Hegel.

Pode o homem ser destinado a negligenciar a si mesmo em vista de outro fim qualquer? Deveria a natureza, através de seus fins, roubar-nos uma perfeição que a razão, através dos seus, nos prescreve? É falso, portanto, afirmar que a formação das formas isoladas torna

necessário o sacrifício de sua totalidade; e mesmo que a lei da natureza se empenhe por isso, tem de depender de nós restabelecer em nossa natureza, através de uma arte mais elevada, essa totalidade que foi destruída pelo artifício (SCHILLER, 2014, p.41)

É importante ressaltar que Schiller não quer a generalização da arte, pois para ele isso se dá em épocas de decadência social, pois lhe parece que a arte generalizada vai junto com a ditadura e subserviência<sup>17</sup>. Ele não quer arte para o povo. Schiller deixa claro que não fala do mesmo conceito de beleza que a história supõe, que é o senso comum, mas de outro conceito, fala da Estética Política, meio que permite a formação política do homem, da busca de um conceito racional puro da beleza, não meramente algo provindo da experiência imediata de um contato imediato com uma arte bela.

## Referências

FICHTE, Johann G. *Conferências sobre a vocação do sábio*. Portugal: LusoSofia online. Disponível em: < [http://www.lusosofia.net/textos/fichte\\_conferencias\\_sobre\\_a\\_vocacao\\_do\\_sabio.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/fichte_conferencias_sobre_a_vocacao_do_sabio.pdf)>. Acesso em: 18 novembro 2014.

GANDY, D. Ross. *Marx e a história da sociedade primitiva ao futuro comunista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

HABERMAS, Jurgen. *O Discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEGEL, Georg W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2012.

INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro:Zahar, 1997.

KANT, Immanuel. *A Religião nos limites da simples razão*. Lisboa: Edições 70, 1992.

\_\_\_\_\_. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SCHILLER, Friedrich Von. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

<sup>17</sup> Assim como Hegel argumentava que a Filosofia não deveria descer ao nível do povo, mas o povo ascender ao nível da Filosofia, é assim para Schiller com relação à Arte, não é a Arte descer ao povo, mas o povo ascender a Arte através da própria educação artística, a educação estética.